

AVALIAÇÃO COMO APRENDIZAGEM EM CONTEXTO ESCOLAR

ASSESSMENT AS LEARNING IN A SCHOOL CONTEXT

Rosângela Inês Matos Uhmman¹, Fernanda Seidel Vorpapel², Silvana Matos Uhmman³

¹Universidade Federal da Fronteira Sul. Curso Química Licenciatura, rosangela.uhmann@uffs.edu.br

²Universidade Federal da Fronteira Sul. Curso química Licenciatura, vopagelfernanda@gmail.com

³Universidade Federal Fluminense. Curso de Pedagogia, silvana_uhmann@id.uff.br

RESUMO

Pensar na avaliação escolar como parte intrínseca ao processo de ensino requer entender como esta vem sendo compreendida na contemporaneidade, visto que a mesma decorre de concepções passadas, que vão se reconstruindo. O que nos impulsionou a investigarmos as concepções e práticas de avaliação de professores em formação inicial e continuada durante o diálogo dos cinco (5) encontros formativos relacionado às quatro gerações de avaliação de Guba e Lincoln (2011). Teve por objetivo explorar entendimentos acerca do processo de avaliar para melhor ensinar e aprender, em consideração aos limites que perpassam no contexto educacional. Na primeira parte apresentamos breve fundamentação teórica sobre a temática contribuindo com o desenvolvimento pedagógico no processo de avaliação. Na segunda problematizamos as quatro gerações com os diálogos emergidos. Enfim, o caminho trilhado apontou indícios de construção de uma avaliação de mensuração para uma que negocia e emancipa quando vivenciado momentos de problematização junto aos envolvidos.

Palavras-chave: Avaliação de Quarta Geração, Encontros Formativos, Investigação.

ABSTRACT

Thinking about school evaluation as an intrinsic part of the teaching and learning process requires understanding how it has been understood in contemporary times, since it is derived from past conceptions, which are being reconstructed. What prompted investigate the evaluation in initial and continuing formation during the dialogue of the five (5) formative meetings related to the four generations of evaluation of Guba and Lincoln (2011). Was aimed to explore the understandings about the process of evaluation to better teach and learn, into account of the limits that permeate in the educational context. In the first part we present a brief theoretical foundation on the theme contributing to the pedagogical development in the evaluation process. In the second, we discuss the four generations with the emerged dialogues. Anyway, the path traced indicated signs of building an evaluation with a deterministic for one that negotiates and emancipates when experienced moments of problematization with those involved.

Key words: Fourth Generation Evaluation, Formative Meetings, Research.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa consistiu em problematizar as concepções e as diferentes práticas avaliativas, bem como as limitações e possibilidades repercutidos pelos

professores de escola, formadores e licenciandos estagiários da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) a partir da aprovação do projeto no Edital: 321/UFFS/2017. A ideia consistiu em conhecer um pouco mais da realidade dos professores da Educação Básica e Universidade tendo em vista os princípios que norteiam principalmente a avaliação escolar, visto dialogarmos com quem está dia a dia nas escolas, por exemplo, tendo em vista que a avaliação tem papel fundamental quando se eleva a atenção aos aspectos avaliativos intrínsecos no ensino. Ou seja, o ato de avaliar é prática indissociável no que diz respeito às políticas dos sistemas de ensino. Tal exigência implica no posicionamento crítico e reflexivo no que diz respeito às relações de poder presentes na prática pedagógica na educação formal.

Assim, entender a constituição de avaliação como processo intrínseco da prática docente, o que não se trata de um movimento fácil, requer que os entendimentos construídos acerca do ato de avaliar decorrem de estudos e vivências intensas quanto à maneira de conceber a prática emancipatória de ensinar e aprender. É sabido que o ser educador é profissão atrelada a desafios constantes, estes que oferecem novas possibilidades e possíveis desconstruções a respeito da sua prática, ainda mais quando se propõe um diálogo, com educadores formativos e em formação inicial bem como continuada, visto que a interação é rica pela diversidade de cada contexto educacional. É por meio desses diálogos, realizados em cinco encontros, que o estudo em questão se estrutura.

Hoffmann (2014), Luckesi (2011), Uhmman (2017), Guba e Lincoln (2001), constituem os principais referenciais dessa pesquisa, pois reiteram a necessidade de problematizar a avaliação educativa no processo de ensino, como um dos aspectos primordiais a ser discutido na formação de professores (inicial e continuada). Tendo em vista a pouca ênfase, no processo de articular a aprendizagem e avaliação em contexto formativo, é que nos propomos a contextualizar essa questão, entendendo que ela é de fundamental importância para avanços na educação.

Diante da problematização do processo de avaliar, é necessário levar em conta o contexto ao qual estamos atrelados, visto que por vezes, estes nos direcionam a algumas compreensões distorcidas como a consideração apenas pelo produto final na avaliação, sem levar em conta a sua constituição, diante destes aspectos, cabe repensar os meios e modos da prática docente. A mudança na avaliação escolar

precisa integrar as situações do cotidiano do aluno, caso contrário, ficará desarticulada às dimensões sociais e globais.

De tal modo, o professor tem um papel social fundamental na constituição dos alunos que são sujeitos ativos na sociedade. Urge, pensarmos que nesse contexto o produto final não pode se sobressair ao processo transcorrido para tal. Não cabe mais na contemporaneidade, visar somente pelo produto final, a exemplo de uma nota, que pode ser considerada como evidência de aprendizagem, no entanto, por vezes, não reflete a real situação. Com esse entendimento é primordial que esse movimento de investigação-ação, quanto ao processo de ensinar e avaliar, seja na coletividade, onde a riqueza de vivências e diferentes contextos é explorada, no sentido de instigar a avaliação para melhor aprender e ensinar.

Enfim, propomos com este estudo problematizar a avaliação relacionada ao estudo da avaliação das quatro gerações (mensuração, descrição, juízo de valor e mensuração) de Guba e Lincoln (2011) a partir da análise dos diálogos das falas dos participantes dos cinco (05) encontros formativos em que fizeram parte das discussões os estagiários (professores em formação inicial), professores formadores da UFFS e de algumas escolas da região, os quais foram identificados com nomes fictícios para preservação de suas identidades.

CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO ESCOLAR

A avaliação é aspecto presente na vida das pessoas e extrapola o contexto escolar, visto que somos avaliados pelas nossas ações diárias indiretamente sem percebermos. O que requer pensarmos na concepção de avaliação, o que é avaliar e quais são os princípios norteadores, para posteriormente avançarmos na discussão das diferentes práticas e metodologias de avaliação. É fato que julgamos, por vezes, sem ter consciência do ato, no entanto, também sofremos esta ação. Em especial no contexto escolar, a avaliação é tema que vem ganhando espaço nas discussões. Urge, pensarmos sobre os entendimentos acerca da avaliação escolar, das possibilidades e limites que se encontram no processo de ensinar e aprender.

Nessa perspectiva, o processo de avaliação segundo Hoffmann (2014) está embasado em valores morais e concepções de educação, em que: “[...] reconstruir as práticas avaliativas sem se levar em conta o que significa ‘avaliar’ é como preparar as malas sem saber o destino da viagem” (HOFFMANN, 2014, p. 13). Luckesi (2011)

contribui na concepção de avaliação, ao significar o aprender a avaliar, no qual destaca que se trata de aprender os conceitos teóricos que tangem o processo de avaliação, bem como aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos cotidianos.

É sabido que a prática de avaliação também se encontra articulada as relações de poder explícitas ou implícitas. Não convém ao professor em sua posição social, na sala de aula com os alunos apropriar-se de uma “[...] figura” dominante sobre os mesmos. Pensamos que a relação professor e aluno, especialmente no processo de avaliação, seja uma interação de diálogo e negociação. O processo de avaliação como aprendizagem em que professores e alunos negociam, requer pensarmos se ensinamos para avaliar ou avaliamos para melhor ensinar (UHMANN, 2017). Assim, o processo de avaliação possibilita ao professor a reflexão sobre sua prática pedagógica, as estratégias de ensino, das quais faz uso, e nesse contexto “é compromisso do professor elaborar e mediar atividades desafiadoras para o aprendiz passar de ator para autor” (UHMANN, 2017, p. 145).

A perspectiva construtivista de avaliação requer considerarmos os aspectos sociais de cada contexto, bem como no enfrentamento das ações, que por vezes, limitam a aprendizagem. Essas ações podem ser compreendidas como a falta de investimento na educação, o descaso com os educadores e as competências burocráticas que se exige do mesmo. Atentar para as diversidades e as condições de poder a qual estamos submetidos é primar por uma educação de excelência com valorização da educação em que, “[...] há muito a fazer pela aprendizagem de todas as crianças e jovens por conta da massificação do ensino, da desvalorização e da falta de formação dos educadores” (HOFFMANN, 2014, p. 14).

Diante da situação, urge, pensarmos que neste contexto a avaliação é um aspecto que diz respeito a perspectiva de educação que temos no momento. Nessa direção, entendemos a partir da avaliação de quarta geração (GUBA; LINCOLN, 2011) fundamentada em um enfoque responsivo e em uma metodologia construtivista, que avaliar não é classificar os alunos, mas sim se colocar junto a eles neste processo acompanhando o seu desenvolvimento com o intuito de aprender juntos. A avaliação pode ser entendida como aprendizagem para ambas as partes, professor e aluno, na perspectiva de crescimento pelo viés crítico de uma educação que liberta.

O movimento de construção por uma avaliação negociada requer: “[...] questionar princípios e métodos avaliativos é ir além da normalidade prevista em uma

averiguação dos resultados, é voltar-se para o entrelaçamento de teorias e práticas avaliativas de forma crítica e renovada das concepções” (UHMANN, 2017, p. 102). Não basta fazer uso de diferentes práticas avaliativas se estas são utilizadas apenas na função de mensuração. O desafio da avaliação na prática consiste em fazer o processo da avaliação como aprendizagem, o que possibilita a problematização acerca das ações desenvolvidas na educação.

Destarte, passamos a problematizar os entendimentos pedagógicos de avaliação que emergiram dos cinco (5) encontros formativos, em que os professores em formação inicial e continuada participaram, visto que nossa investigação decorre em observação a cada geração de avaliação no respaldo pela avaliação de quarta geração (GUBA; LINCOLN, 2011) no sentido de compreender as diferentes compreensões acerca da avaliação.

AS QUATRO GERAÇÕES DE AVALIAÇÃO

Tendo apresentado algumas concepções acerca do processo de avaliação relacionada às práticas de avaliação, nos atemos a problematizar os encontros formativos sobre avaliação, observando que a quarta geração de avaliação se constituiu a partir das outras três (mensuração, descrição e juízo de valor), para o qual dizemos que uma não é melhor que a outra, já que a avaliação é um processo de constituição progredindo no contexto, ou seja, tudo depende da época e processo.

A primeira geração de avaliação na perspectiva de Guba e Lincoln (2011) é a “mensuração” em que se avalia só o sujeito aluno, no qual a função do avaliador é técnica. Essa geração é marcada por testes de memória, e outros, no qual o objetivo é avaliar se os alunos conseguiram dominar o conteúdo. A segunda geração pode ser situada logo após a primeira Guerra Mundial e é caracterizada como a geração da “descrição”, na qual, se avalia o aluno e o objeto de avaliação, como se ele não existisse em um dado contexto. A terceira geração de “juízo de valor” avança no sentido de começar a refletir sobre a importância do objeto de avaliação e os valores de quem se sobressaem nesse processo, no entanto, o avaliador assume o papel de julgador, mantendo as funções técnicas e descritivas.

Por fim, a quarta geração de avaliação é a da “negociação”, em que o professor se coloca junto no processo de avaliar, repensando a prática docente. Essa geração se

caracteriza por uma avaliação emergente da recriação, organizada pelas reivindicações, preocupações, utilizando a metodologia do paradigma construtivista.

Tendo em vista os encontros formativos e a problematização das quatro gerações de avaliação, analisamos como estas estiveram presentes no diálogo entre licenciandos (estagiários), professores de escola básica e professores formadores. No primeiro encontro evidenciamos que, por vezes, o diálogo direcionou para a perspectiva da avaliação construtivista, ou seja, o grupo formado por professores tem a percepção da importância da avaliação negociada, no entanto, evidenciamos certa confusão das ideias no entendimento do conceito de avaliação.

A professora Paula (1º Encontro Formativo – EF) no contexto da educação básica entende: “a avaliação de hoje é diferente... eu procuro fazer diferente... sei que a avaliação é um processo ao longo da formação para a construção do conhecimento... teoricamente eu sei que é assim... mas na prática mesmo... você ainda tem essa questão da cobrança... ver se o aluno está ou não conseguindo entender o que você está trabalhando em sala de aula... e se você não fizer essa avaliação ele não precisa nem ler”. Diante da fala da professora Paula evidenciamos que ela entende que a avaliação acontece no processo atrelada aos aspectos cotidianos da escola.

Ao referir a questão demonstra uma maneira de acompanhar a aprendizagem do aluno, que decorre, provavelmente, da sua experiência formativa, no entanto não se avalia junto nesse processo de ensino e aprendizagem. O desafio está em usar a avaliação não só para atribuir uma nota, mas sim de usar a avaliação como aprendizagem em que “o aluno participa ativamente no processo de ensino e aprendizagem” (NAKANISHI; MELLO; JUSTINA, 2016, p. 17).

A professora Flávia (2º EF), do ensino superior coloca a questão ao dizer: “estávamos aplicando provas... e mais provas... nota e recuperação... mas nenhuma levava em conta a discussão depois de ter feito a prova no final”. A questão levantada diz respeito a avaliação da primeira geração centrada na mensuração para o avanço na quarta geração que tem como princípio a negociação. Urge assim, a necessidade do professor planejar a avaliação para discutir com os alunos na coletividade, possibilitando a eles dizerem o que não entenderam.

É visto que o professor tem a responsabilidade de dar conta dos inúmeros conteúdos programáticos de cada ano de ensino. Entendemos que essa sobrecarga acaba por priorizar a quantidade ao invés da qualidade. No entendimento de Bondía (2002, p. 23):

“[...] na escola, o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos”. Nesse sentido, a avaliação é, por vezes, compreendida como ato que serve apenas para mensurar, com fins de aprovar ou reprovar necessitando de ruptura.

O conjunto de ações precisa ser levado em conta ao falarmos em avaliação, não significa facilitar para aprovar, mas entender o que uma avaliação proporciona, o que o aluno significou nesse processo. Responder corretamente uma questão da prova, não é garantia para o professor de que o aluno entendeu determinado conceito, é preciso ir adiante ao pensar como o conceito vai ser usado para além do processo avaliativo. Considerar o conjunto de ações, no processo de avaliação requer chamar os pais para a discussão da temática. Bebens e Oliari (2007, p.60) complementam a questão ao argumentar que: “A prática pedagógica tradicional leva o aluno a caracterizar-se como um ser subserviente, obediente e destituído de qualquer forma de expressão. O aluno é reduzido ao espaço de sua carteira, silenciando sua fala de expressar suas ideias”.

É pertinente discutir a avaliação como este dos encontros formativos, bem como outros temas relacionados à educação. A professora Paula evidenciou em sua fala: “só se faz reunião [...] quando se tem casos muito específicos” (3º EF), “ou se tenta simplesmente resolver com os alunos o problema e os pais sabem disso, mas fora isso” (3º EF), complementa a professora Paula. À medida que não se discute o processo avaliativo na escola, o mesmo fica a mercê de estratégias pontuais, sem articulação entre o coletivo escolar. Esta aí um ponto crucial para o avanço dessas questões pertinentes na escola, a integração entre escola, pais e professores pode desconstituir essa opressão que de certa forma esta enraizada no ensino. Essa percepção é evidenciada na fala da professora Fátima, ao colocar que “[...] a impressão que a gente tem assim é que culturalmente a escola nessa região vive sob opressão” (3º EF).

Diante da questão, a escola é espaço para construção de conhecimento, “[...] tudo que existe em sala de aula não passa de ‘material de pesquisa’, que deve ser manejado pelo aluno na condição de sujeito, não de objeto” (DEMO, 2010, p. 74). Na avaliação o aluno também precisa ser protagonista, se colocando no processo, por meio de discussões na sala de aula, não apenas absorvendo e reproduzindo a fala do professor. O bom professor não é aquele que adota a verdade incontestável, mas sim aquele que está aberto ao diálogo e se coloca junto ao aluno para aprender.

Nesse sentido, é necessário investir na avaliação como aprendizagem entendendo a ideia da professora Flávia que disse: “é no processo que as aprendizagens

vão se constituindo de forma colaborativa” (1º EF), no qual entendemos que professor e aluno aprendem juntos, o que é inferido na quarta geração de avaliação. É pertinente destacar que diante da complexidade do processo de avaliação temos limites, como Erick (4º EF), coloca ao dizer: “a questão do rompimento da cultura escolar que a gente tem”. Isso vai ao encontro da complexidade da temática da avaliação.

O que Erick menciona, é a invisibilidade dos atos concretos da questão cultural, ou seja, da questão enraizada de que é difícil a compreensão. De acordo com Hoffmann (2014, p. 23) “[...] condições adversas de vida nem sempre são obstáculos à aprendizagem. Ao contrário, podem gerar estratégias de sobrevivência de criatividade espantosa”. Temos consciência da necessidade de mudança, no entanto, não se concretiza ações que de fato possam levar a melhorias, especialmente na forma do processo de avaliar com foco na aprendizagem. É importante que se avance em defesa da necessidade de formação na coletividade para melhor entender o processo de avaliação, visando a reconstrução de sua finalidade na escola. A avaliação é um instrumento que pode ser usado como aprendizagem, em detrimento da mensuração que apenas aprova ou reprova o aluno. Assim,

[...] assume-se a posição pela necessidade de o professor se constituir pesquisador de suas ações didático-pedagógicas, buscando através da reflexão sobre suas práticas reforçar aspectos positivos e superar as dificuldades na luta por espaço/tempo com vistas a conciliar atividades de docência com atividades de pesquisa (UHMANN; MORAES; MALDANER, 2014, p. 113).

Nesse sentido, com estudos e pesquisas precisamos ir repensando nossas ações como docentes, especialmente sobre a avaliação, um tema complexo que gera discussões. Professor Felipe (4º EF) coloca: “eu demorei a abrir mão do modelo de avaliação... para ir migrando gradativamente para outro modelo... isso é ruim para o professor... o professor sofre mas é necessário”. Felipe demonstra indícios na transição da avaliação da primeira e segunda geração de avaliação para a quarta, em que constata tal movimento, uma atividade árdua para o professor, visto que implica em mudanças na forma de conceber a avaliação. Uhmman (2017, p. 245), menciona: “O processo de constituição formativo é gradativo”.

Com essa pretensão que os movimentos de reconstrução, primeiro do entendimento acerca da avaliação e posterior da prática em contexto escolar nos moveram a fazer este estudo, apresentando a importância do trabalho colaborativo, pela via reflexiva, acerca das contribuições no processo de avaliação, entendendo que: “O

avaliador é um agente condutor no processo de reconstrução das construções de realidade existentes” (GUBA; LINCOLN, 2011, p. 290). Assim atentamos que: “A avaliação pedagógica não é só medida, juízo, narrativa, negociação e aprendizagem. É também poder, sanção, discriminação e exclusão” (ALVES; CABRAL, 2015, p. 638). Enfim, compreendemos que para melhorar o ensino é preciso começar pela discussão de compreender as diferentes concepções e práticas de avaliar ao dar atenção às dificuldades e potencialidades em cada contexto educacional para avaliarmos melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo entender as concepções e práticas, bem como as potencialidades e desafios da avaliação que emergiram de cinco (5) encontros formativos constituído por professores em formação inicial, da educação básica e do ensino superior. O que oportunizou analisarmos os discursos dos encontros realizamos acerca da temática, evidenciando que as quatro gerações (GUBA; LINCOLN, ANO) permearam em cada encontro, algumas vezes convivendo em um mesmo contexto escolar. No entanto, na maioria das vezes, a geração da mensuração permaneceu com maior enfoque na avaliação. Cabe destacar, que acerca do entendimento de avaliação não há homogeneidade de ideias, estas que se definiram nos encontros formativos compreendendo a avaliação no processo como um todo de forma heterogênea.

Assim, o processo de ensinar e aprender ao avaliar implica em uma nova configuração de entendimento do que é avaliação, esta por sua vez, precisa ser temática e sistemática de discussão em encontros formativos com primordial participação principalmente dos sujeitos envolvidos para se alcançar os resultados no contexto da prática, indo ao encontro da emancipação em detrimento da reprodução escolar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. J. F. M.; CABRAL, I. Os demônios da avaliação: memórias de professores enquanto alunos. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 26, n. 63, p.630-662, dez. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/intel/AppData/Local/Temp/3690-15037-1-PB.pdf>. Acesso em janeiro de 2018.
- ANNA, I. M. S. **Por que avaliar? Como avaliar?** critérios e instrumentos. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

- BEHRENS, M. A.; OLIARI, A. L. T. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional à complexidade. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p.53-66, dez. 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/intel/AppData/Local/Temp/dialogo-1573.pdf>. Acesso em jan. 2018.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Espanha, v. 1, n. 19, p.20-28, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em jan. 2018.
- DEMO, P. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. **Avaliação de quarta geração**. Campinas, SP: Unicamp, 2011.
- HOFFMANN, J. **O Jogo do Contrário em Avaliação**. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposição**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013
- MACENO, N. G.; LARA, M. da S. O processo avaliativo na perspectiva de professores em formação. In: JUSTINA, L. A. D.; LIMA, B. G. T. de; OLIVEIRA, J. M. P. de. **Interfaces entre avaliação, aprendizagem e ensino**. Cascavel: Edunioeste, 2016. p. 35-52.
- NAKANISHI, M. K.; MELLO, A. S. de.; JUSTINA, L. A. D. Um estudo da arte sobre as pesquisas envolvendo a avaliação da aprendizagem no ensino de Ciências. In: JUSTINA, L. A. D.; LIMA, B. G. T. de.; OLIVEIRA, J. M. P. de. **Interfaces entre avaliação, aprendizagem e ensino**. Cascavel: Edunioeste, 2016. Cap. 1. p. 15-33.
- UHMANN, R. I. M. **O Professor em formação no processo de ensinar e aprender ao avaliar**. Curitiba: Appris, 2017.
- UHMANN, R. I. M.; MORAES, M. M. de.; MALDANER, O. A. Professor de Escola em Pesquisa no Contexto da Educação Básica. **Caderno de Educação**, Pelotas, v. 47, n. 1, p.104-125, abr. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/4654/3499>>. Acesso em jan. 2018.